

“Os enfermeiros são a espinha dorsal dos sistemas de saúde.” Esta afirmação da Organização Mundial da Saúde (World Health Organization [WHO], 2025) sintetiza, com rigor conceptual e empírico, a relevância estratégica de uma profissão que assegura a continuidade, a segurança e a humanização dos cuidados em todos os níveis assistenciais. O tema do Dia Internacional do Enfermeiro de 2026: Our Nurses. Our Future. Caring for Nurses Strengthens Economies, proposto pelo International Council of Nurses (ICN, 2026), reforça uma premissa central da saúde global contemporânea: investir no empoderamento dos enfermeiros constitui uma intervenção estrutural com efeitos mensuráveis na qualidade assistencial, na eficiência organizacional, na sustentabilidade económica e no bem-estar das populações.

Celebrado a 12 de maio, em homenagem ao nascimento de Florence Nightingale, o Dia Internacional do Enfermeiro recorda que a enfermagem nunca se restringiu à execução técnica de procedimentos. Desde as suas origens, a profissão articula observação clínica sistemática, raciocínio científico, liderança organizacional e compromisso ético. Nightingale demonstrou, ainda no século XIX, que a análise de dados, a vigilância epidemiológica e a reorganização do ambiente podiam reduzir drasticamente a mortalidade hospitalar. Esta visão permanece extraordinariamente atual num contexto marcado pelo envelhecimento populacional, pela transição epidemiológica, pela escassez de profissionais e pela crescente digitalização dos sistemas de saúde.

O conceito de empoderamento profissional refere-se à capacidade de os trabalhadores exercerem autonomia, influenciarem decisões, acederem a recursos, desenvolverem competências e participarem ativamente na definição das estratégias organizacionais. Rosabeth Moss Kanter (1993) demonstrou que estruturas capacitadoras, caracterizadas por acesso à informação, suporte, recursos e oportunidades, aumentam a motivação, a inovação e o desempenho. No domínio da enfermagem, Heather K. Spence Laschinger (2012) evidenciou que ambientes de trabalho psicologicamente seguros e estruturalmente fortalecidos estão associados a maior satisfação profissional, menor burnout, maior retenção e melhores resultados clínicos. Assim, o empoderamento não representa um atributo abstrato, mas um determinante organizacional com impacto direto na saúde das pessoas.

Na prática clínica, o empoderamento manifesta-se quando o enfermeiro identifica precocemente sinais de deterioração clínica, previne complicações, lidera programas de segurança do doente, implementa protocolos baseados em evidência e participa na tomada

de decisão interdisciplinar. Trata-se da possibilidade concreta de transformar conhecimento científico em ação terapêutica eficaz. Quando a opinião do enfermeiro é escutada e valorizada, o cuidado torna-se mais integrado, responsivo e centrado na pessoa.

A relação entre empoderamento e segurança do doente está amplamente documentada. A Organisation for Economic Co-operation and Development (2025) refere que uma proporção substancial dos eventos adversos em saúde é evitável por meio de culturas organizacionais que promovem aprendizagem, comunicação aberta e liderança partilhada. Enfermeiros que dispõem de autonomia e apoio institucional tendem a reportar incidentes, propor melhorias e monitorizar resultados com maior rigor. Consequentemente, a qualidade assistencial deixa de depender do esforço individual isolado e passa a constituir uma competência sistémica.

O empoderamento da enfermagem possui também uma dimensão económica de elevada relevância. Durante décadas, a força de trabalho em enfermagem foi analisada predominantemente como centro de custos. Contudo, a evidência contemporânea demonstra que se trata de um investimento com elevado retorno social. O relatório State of the World's Nursing (WHO, 2025) mostra que o reforço da capacidade da enfermagem reduz hospitalizações evitáveis, previne complicações, melhora o controlo de doenças crónicas e aumenta a produtividade da população. Paralelamente, o World Economic Forum (2025) destaca que economias resilientes dependem de sistemas de saúde robustos e de profissionais altamente qualificados. Neste sentido, cuidar dos enfermeiros fortalece, simultaneamente, a saúde pública e o desenvolvimento económico.

A saúde mental dos profissionais constitui um componente indispensável do empoderamento. Maslach e Leiter (2016) demonstraram que o burnout resulta do desequilíbrio persistente entre exigências elevadas e recursos insuficientes. Exaustão emocional, despersonalização e redução do sentido de eficácia comprometem não apenas o bem-estar do profissional, mas também a segurança e a qualidade dos cuidados. O empoderamento requer, portanto, políticas organizacionais orientadas para dotação segura, supervisão clínica, apoio psicológico, reconhecimento profissional e equilíbrio entre vida pessoal e trabalho.

A liderança em enfermagem representa outra dimensão essencial deste processo. Kouzes e Posner (2023) defendem que líderes eficazes inspiram uma visão partilhada, modelam comportamentos e capacitam os outros a agir. Na enfermagem, liderar significa articular

equipas, traduzir evidência em prática e promover melhoria contínua. Esta liderança pode ser formal ou informal, manifestando-se sempre que o enfermeiro mobiliza conhecimento e influência para alcançar melhores resultados em saúde.

A transformação digital introduziu novas oportunidades para a expansão do papel da enfermagem. Inteligência artificial, telemonitorização, análise preditiva, dispositivos vestíveis e registos eletrónicos avançados estão a redefinir os modelos assistenciais. Estas tecnologias permitem antecipar riscos, personalizar intervenções e otimizar recursos. No entanto, a inovação só produz valor quando interpretada com julgamento clínico, sensibilidade ética e compreensão contextual. Enfermeiros empoderados assumem, assim, um papel central como mediadores entre tecnologia, ciência e experiência humana.

Na Enfermagem de Reabilitação, o empoderamento adquire especial profundidade. Reabilitar significa restaurar funcionalidade, promover independência e maximizar participação social. O enfermeiro especialista acompanha pessoas com acidente vascular cerebral, doença respiratória, lesão neurológica, condições musculoesqueléticas e fragilidade associada ao envelhecimento. Para concretizar esta missão, necessita de autonomia clínica, formação avançada e acesso a instrumentos de avaliação e monitorização. Quando o profissional dispõe desses recursos, multiplica a sua capacidade de transformar dependência em autonomia e limitação em possibilidade.

A formação contínua constitui uma das mais sólidas fontes de poder profissional. Programas de especialização, mestrado, doutoramento e investigação aplicada ampliam a capacidade de interpretar criticamente a evidência, desenvolver protocolos e influenciar políticas públicas. A OCDE (2025) destaca que organizações orientadas para a aprendizagem contínua apresentam maior inovação, adaptabilidade e eficiência. Cada projeto científico, cada protocolo validado e cada publicação reforçam a enfermagem enquanto disciplina científica e força estratégica de transformação social.

Em Portugal, os enfermeiros têm demonstrado elevada competência técnica, científica e humana, embora persistam desafios relacionados com valorização, progressão na carreira, retenção e reconhecimento institucional. Num contexto de envelhecimento populacional, multimorbilidade e aumento da complexidade assistencial, o país necessita de políticas que assegurem condições de trabalho adequadas, oportunidades de desenvolvimento e integração plena da enfermagem nos processos de decisão. Valorizar os enfermeiros significa

fortalecer o Serviço Nacional de Saúde e proteger o futuro coletivo.

O empoderamento reflete-se igualmente na produção de conhecimento. Enfermeiros investigadores avaliam resultados clínicos, desenvolvem tecnologias, testam intervenções e contribuem para políticas baseadas em evidência. Esta capacidade científica reforça a autonomia profissional e posiciona a enfermagem como protagonista na resolução de problemas complexos. Quando ciência e prática caminham de forma integrada, a profissão amplia exponencialmente o seu impacto.

No Dia Internacional do Enfermeiro, a mensagem que emerge é clara e sustentada pela melhor evidência disponível: não existem sistemas de saúde fortes sem enfermeiros fortes. Não existe inovação sustentável sem profissionais valorizados. Não existe economia resiliente sem trabalhadores capazes de cuidar, educar, prevenir, investigar e liderar. Cada enfermeiro empoderado representa uma fonte de segurança clínica, conhecimento científico e esperança humana.

Empoderar a enfermagem é reconhecer que o cuidado possui valor científico, social e económico. É compreender que por detrás de cada indicador de qualidade existe um profissional que observa com rigor, decide com competência e acompanha com compaixão. O futuro da saúde será construído não apenas com tecnologia avançada, mas com enfermeiros que dispõem de autonomia, reconhecimento e oportunidades para desenvolver plenamente o seu potencial. Quando os enfermeiros são empoderados, os doentes recuperam melhor, as organizações tornam-se mais eficientes e a sociedade inteira prospera.

#### Referências Bibliográficas

International Council of Nurses. (2026). International Nurses Day 2026: Our nurses. Our future. Caring for nurses strengthens economies. ICN.

Kanter, R. M. (1993). Men and women of the corporation. Basic Books.

Kouzes, J. M., & Posner, B. Z. (2023). The leadership challenge (7th ed.). Wiley.

Laschinger, H. K. S. (2012). Job and career satisfaction and turnover intentions of newly graduated nurses. *Journal of Nursing Management*, 20(4), 472-484.

Maslach, C., & Leiter, M. P. (2016). Burnout. Wiley.

Organisation for Economic Co-operation and Development. (2025). Health at a glance 2025. OECD Publishing.

World Economic Forum. (2025). Future of jobs report 2025. World Economic Forum.

World Health Organization. (2025). State of the world's nursing 2025. World Health Organization.